

Ler
HISTÓRIA

ESTUDOS

A MORTE DAS FADAS:
A LENDA GENEALÓGICA
DA DAMA DO PÉ DE CABRA
Luis Krus

MALATESTA E O ANARQUISMO PORTUGUÊS
João Freire

CORPORATIVISMO E INDUSTRIALIZAÇÃO:
ELEMENTOS PARA O ESTUDO
DO CONDICIONAMENTO INDUSTRIAL
J. M. Brandão de Brito

OS MONÁRQUICOS
E O ESTADO NOVO DE SALAZAR
Manuel Braga da Cruz

«MISSIONÁRIOS NUM BARCO A REMOS»?
MODOS ETNOLÓGICOS
DE CONHECIMENTO COMO DESAFIO
À HISTÓRIA SOCIAL
Hans Medick

CRÍTICAS E DEBATES

A IDEOLOGIA
DO FASCISMO REVISITADA:
ZEEV STERNHELL E OS SEUS CRÍTICOS
António Costa Pinto

COMUNITARISMO,
ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL
E RELAÇÕES DE PARENTESCO
Albert Silbert

6
1985



EDIÇÕES
salamandra

O problema da guerra europeia, que dividiu tão dolorosamente os anarquistas, não surgiu de um momento para o outro. Na imprensa libertária portuguesa, sempre a par e atenta ao que se passava no estrangeiro, encontram-se frequentes referências ao tema, quer nos momentos em que a tensão político-diplomática entre os Estado sobe, quer quando as organizações ou os militantes destacados se pronunciam sobre o assuntos. Assim acontece, por exemplo, em 1905, quando Kropótkine anuncia claramente a sua posição de defesa da França, nas páginas dos *Temps Nouveaux*. Assim volta a acontecer em 1911-1912, quando se pressentem próximos os indícios do conflito. Enquanto *A Sementeira* edita a brochura de Kropótkine *Os bastidores das guerras*, tanto aquela revista como *A Aurora* inserem vários artigos de Malatesta¹.

Contudo, quando em Agosto de 1914 a guerra é declarada, é apesar de tudo com alguma estupefacção que os militantes constatam que, afinal, a solidariedade internacional dos trabalhadores não havia funcionado, que o proletariado francês acorre febrilmente à mobilização e que, entre os anarquistas, as opiniões estão profundamente divididas².

Em Portugal, as primeiras reacções são de repúdio e oposição. *A Aurora* de 2 de Agosto insere um artigo de fundo de Clemente Vieira dos Santos intitulado "Abaixo a guerra". O mesmo jornal publica, a 16, a posição da central operária de então (a U. O. N.) "Ao proletariado e à burguesia", que vai no mesmo sentido.

Mas os jornais vão informando, com a maior rapidez possível, as clivagens no campo anarquista. Logo a 6 de Setembro *A Aurora* publica "Aos camaradas", exprimindo a posição dos *Temps Nouveaux* - que tinha, em Portugal também, enorme prestígio - sobre a nova situação criada. E a partir daí, em sequência, todos os textos, mais conhecidos ou mais ignorados, dessa famosa polémica. A 22 de

¹ "A guerra europeia e a organização internacional dos trabalhadores", *A Aurora*, n.º 52, Julho, 1911; "A guerra", *A Aurora*, n.º 117, Outubro de 1912; "A utopia do desarmamento", *A Sementeira*, n.º 48,
² Significativamente, o Comité Confederal da CGT, na sua mensagem aos proletários de França, confessa: "Si ces efforts ne paraissent pas avoir donné ce qui nous étions en droit d'attendre, ce que la classe ouvrière espérait, c'est que les événements nous ont submergé". *La Bataille Syndicaliste*, Paris, n.º 1193, 2 de Agosto de 1914.

Novembro "Anarquistas esquecidos dos seus princípios" de Malatesta; a 29 "A pretensa bancarrota da Internacional" de Kropótkine; a 13 de Dezembro o manifesto dos russos de Genève "Ao proletariado internacional"; a 27 "Kropótkine e a guerra" de Malatesta; a 10 de Janeiro de 1915 "Duas tendências na luta anarquista" de Zisly; a 24 "O internacionalismo não faliu" de Grave; a 7 de Março é publicado o "Manifesto dos anarquistas de Londres" e logo a seguir a "Carta sobre as questões actuais" de Kropótkine; em Junho "A Itália também" de Malatesta; mais tarde, em 1916, vem a conhecida declaração conhecida como "Manifesto dos 16", etc.

Entre os anarquistas portugueses a questão colocou-se também, como era inevitável. Nos primeiros meses terá sido sobretudo a expectativa, a procura de notícias do que se passava lá fora, a formação de opiniões. Em breve, porém, as posições se demarcam. Com Kropótkine, Malato, Grave, Tcherkessof, etc., estão um punhado dos melhores intelectuais do anarquismo português: Adolfo Lima, César Porto, Severino de Carvalho e, à frente de todos, Emílio Costa. Com Malatesta, Bertoni, Emma Goldman, etc., ficam Neno Vasco, os anarquistas do Porto que se exprimem através d'*A Aurora*, as juventudes sindicalistas, acabadas de criar, e a organização operária.

Esta enumeração diz já o suficiente da desproporção das forças pró e contra o direito de defesa da França. De facto, os "antiguerristas" intransigentes são claramente maioritários entre nós. Isto não obsta a que, no plano ideológico, o enfrentamento seja rude, dada a qualidade e capacidades teóricas dos "guerristas" e a força que lhes advém de com eles estarem os nomes de maior prestígio do anarquismo internacional, em especial aqueles que mais influência tinham em Portugal.

Dos desacordos verbais passa-se à "guerra de trincheiras" da polémica impressa. Os "aliadófilos" lançam, a partir de Janeiro de 1915, uma publicação de grande qualidade teórica, *Germinal*³, que vai manter com *A Aurora* um aceso

³ *Germinal*, Lisboa, 2 séries, 37 números, 1915-17.

confronto que durará até 1917, até às primeiras notícias da queda do czar das Rússias.

Isolados em Portugal, os homens do *Germinal* aproximam-se naturalmente daqueles que, no estrangeiro, defendem as mesmas posições: por exemplo, *La Libre Fédération* de Lausanne, *La Bataille Syndicaliste* de Paris, ou *Accion Libertaria* de Gijón. De resto, vale a pena mencionar as alianças tácticas tecidas nesta altura entre periódicos portugueses e espanhóis (onde, mais que em Portugal, o movimento estava profundamente dividido): à aproximação *Germinal-Accion Libertaria*, responde o alinhamento *A Aurora-Tierra y Libertad* (de Barcelona) donde sai a realização do Congresso de Ferrol, contra a guerra, na Primavera de 1915⁴.

É possível também que destas ligações tenha resultado um agravar dos termos da polémica, dado o carácter particularmente violento imprimido pelos intervenientes espanhóis. Perante uma insinuação que um dos "guerristas", Augusto Machado, teria feito sobre as motivações da posição de Neno Vasco, este perguntaria um dia a Emílio Costa, agastado, se "estava lidando com camaradas ou com rufias"⁵?

Mesmo na revista *A Sementeira* (que havia suspenso e recomeça em Janeiro de 1916) onde Emílio Costa havia colaborado tantas vezes e onde, durante algum tempo, havia sido possível "encontrar em boa paz alguns dos desviados guerristas e íntegros antiguerristas do nosso movimento social", as coisas acabam por se degradar e em breve o cabeça-de-fila dos intervencionistas é tratado de "pobre Emílio"⁶.

É que, a partir do fracasso de 1914, da incapacidade do movimento operário em fazer valer o seu apregoado internacionalismo, Emílio Costa e o *Germinal*

⁴ A delegação portuguesa era composta por Mário Nogueira, Manuel Joaquim de Sousa, Serafim Cardoso Lucena, António Alves Pereira, Ernesto da Costa Cardoso e Aurélio Quintanilha. Não confundir este com Eleutério Quintanilha, espanhol, de Gijón que, com Ricardo Mella e outros militantes de prestígio, ficaram no campo kropotkiniano, na questão da guerra.

⁵ Adriano Botelho: "Biografia de Miguel Córdoba", *A Ideia*, Lisboa, n.º 28-29, Maio de 1983.

⁶ Ver João Freire: "A Sementeira do arsenalista Hilário Marques" in *Análise Social*, n.º 67-68-69.

iniciam um verdadeiro processo de revisão - se não dos princípios ideológicos do anarquismo - pelo menos da estratégia até então seguida, de muitas das suas táticas e modos de propaganda. E tem à sua disposição abundantes exemplos de dislates, exageros e dogmatismos aberrantes por parte de anarquistas "derrotistas", para apoiar as suas demonstrações.

É este sentido de autocrítica e balanço de uma época de anarquismo que enforma textos como "Os trabalhadores portugueses e a paz"⁷, "Patriotismo, internacionalismo e militarismo"⁸, "A acção política do proletariado"⁹ e, sobretudo, "Revolução e propaganda"¹⁰, acompanhados de colaborações exteriores de Wintsch, Grave, P. Reclus, e outros¹¹. Emílio Costa submete a um crivo rigoroso a actividade presente e passada, a "mentalidade providencialista, metafísica e, por isso mesmo *anti-anarquista* de muitos anarquistas"¹². E formula as condições gerais para a efectivação de uma transformação social que se aproxima do ideal libertário, bem como a particularização de novos campos de actuação e modos de intervenção da minoria revolucionária¹³.

⁷ Emílio Costa, *Germinal*, II série, n.º 1, Fevereiro de 1916.

⁸ César Porto, *idem*, n.º 4, Maio de 1916.

⁹ Adolfo Lima, *idem*, n.º 16, Maio de 1917.

¹⁰ Emílio Costa, *idem*, n.ºs 4 a 10, Maio a Novembro de 1916.

¹¹ Jean Wintsch: "A questão das nacionalidades", *Germinal*, II série, n.º 2, Março de 1916. Jean Grave: "A Irlanda e os irlandeses", *idem*, n.º 7, Agosto de 1916; "A declaração dos 16: um mal-entendido bem cultivado", *idem*, n.ºs 11 e 12, Dezembro de 1916 e Janeiro de 1917; "Exame de consciência", *idem*, n.º 14, Março de 1917; "Em que faliram as organizações operárias", *idem*, n.º 16, Maio de 1917. Paul Reclus: "A declaração dos 16: absoluto e relativo", *idem*, n.º 8, Setembro de 1916.

¹² *Germinal*, II série, n.º 4, Maio de 1916.

Aí também se pode ler que "Reproduziu-se o fenómeno produzido entre os livre-pensadores de todos os matizes, desde que há homens sobre a terra: substituiu-se um deus por outros, um culto por outro, embora afirmando-se a soberania da razão, a autonomia individual, e outras belas coisas com que se mascara a religiosidade, da qual, a tanto custo, a humanidade se vai libertando. A Revolução, de onde sairá a liberdade, a justiça, a felicidade, é o objecto do culto revolucionário, o *deus ex-machina* e como que milagrosa transformação".

(...) "O messianismo característico da gente portuguesa, para só falarmos de Portugal, continuou a manifestar-se na propaganda revolucionária, apesar de se gritar contra o messianismo e de se apelar constantemente para a nossa razão, para as nossas próprias forças".

¹³ Nomeadamente na sociabilidade, na política, na economia doméstica, na educação, força económica, inquilinato, casas do povo, anti-alcoolismo, vagabundagem infantil e outros domínios ainda. Sobre os grupos anarquistas, Emílio Costa propõe uma maior especialização das suas actividades de propaganda. "Revolução e Propaganda", *Germinal*, 1916.

Da formação científica e sem dogmatismos, Emílio Costa procura esboçar um anarquismo crítico e autocrítico, que saiba recolher com inteligência política as lições das derrotas do passado. Evidencia com isso uma grande independência espiritual e sentido das realidades, sem nunca se afastar dos anseios e dos valores mais caros do libertarismo. As circunstâncias, análises e sensibilidades diferentes, apartaram-no do grosso dos anarquistas portugueses. A divergência com Neno Vasco traduzia mais a confrontação de um espírito analítico metódico (Emílio) com uma posição de princípio moral (Neno), do que uma melhor ou pior fidelidade aos ideais anarquistas. A prova está no facto de que quando, em 1920-21, se dá o primeiro grande embate entre bolchevismo e anarquismo, ser justamente Emílio Costa quem, de forma inequívoca, defende as posições libertárias¹⁴.

O anarquismo, como movimento internacional, saía da difícil conjuntura com fortes cicatrizes internas. A revolução russa serviu, de alguma maneira, para ocultar o problema, levando a uma fuga para diante ao som de entusiásticos hinos revolucionários. Em Portugal, tanto saúda vitoriosamente os acontecimentos de Petrogrado a malestiniana revista *A Sementeira*, como a kropotkiniana *Germinal*¹⁵. É porém de rezear que se tivesse perdido então a oportunidade de uma clarificação teórica que as conjunturas futuras - guerra de Espanha, guerra mundial - vieram demonstrar quão necessária era, para o anarquismo¹⁶.

¹⁴ Ver *A Batalha*, órgão da CGT, Lisboa, entre Novembro de 1920 e Março de 1921.

¹⁵ Emílio Costa: "Allea jacta est!", *Germinal*, II série, n.º 15, Abril de 1917. SA: "A revolução russa", *A Sementeira*, n.º 69, Maio de 1917.

¹⁶ Ver João Freire: "Caducidade e modernidade de Kropótkine: entre reforma e utopia", *A Ideia*, Lisboa, n.º 20-21, Abril de 1981 e *Volontà*, Milão, n.º 2, 1981.